



SEÇÃO: VARIA

## A recepção da classificação aristotélica das ciências por Ibn Sina (Avicena)<sup>1</sup>

*The reception of the Aristotelian classification of sciences by Ibn Sina (Avicenna)*

Andrei Pedro Vanin<sup>2</sup>

[orcid.org/0000-0003-0216-6509](https://orcid.org/0000-0003-0216-6509)  
[andrei\\_vanin@yahoo.com.br](mailto:andrei_vanin@yahoo.com.br)

Recebido em: 03/07/2021.

Aprovado em: 01/06/2022.

Publicado em: 14/09/2022.

**Resumo:** Este artigo analisa a recepção da classificação aristotélica das ciências por Ibn Sina (980-1037). Trata-se de compreender a divisão e os critérios de classificação das ciências segundo Aristóteles e Ibn Sina (Avicena), a partir da exposição e análise dos textos fundamentais destes dois autores sobre o assunto.

**Palavras-chave:** Classificação das ciências. Aristóteles. Ibn Sina (Avicena).

**Abstract:** This article analyzes the reception of the Aristotelian classification of sciences by Ibn Sina. The objective is to understand the division and classification criteria of the sciences both in Aristotle and Ibn Sina (Avicenna) by the exposure and analysis of the fundamental texts of the aforementioned authors on the subject.

**Keywords:** Classification of sciences. Aristotle. Ibn Sina (Avicenna).

### Introdução

A filosofia grega antiga, especialmente Platão e Aristóteles, teve ampla recepção no mundo árabe-islâmico.<sup>3</sup> As traduções do grego para o árabe tiveram início na virada do século VII para o VIII, durante a dinastia omíada, com textos sobre alquimia. O movimento se ampliou sob os califas da dinastia dos abássidas, primeiro com al-Mansur, mas especialmente com Al-Ma'mun por volta do século VIII.<sup>4</sup> Fundada em 830 em Bagdá, a Casa da Sabedoria (*Bayt al-hikma*) foi importante para a difusão do saber grego.<sup>5</sup> As traduções desse período eram, em sua maior parte, de filosofia e ciências, principalmente Platão e Aristóteles,<sup>6</sup> mas também houve traduções de textos herméticos, gnósticos e neoplatônicos.<sup>7</sup> Textos de medicina, astrologia, astronomia, alquimia, química, física, matemática e bibliografia técnica, como agricultura, também estavam no rol de traduções árabes deste período.<sup>8</sup>



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Agradeço ao professor Dr. Jamil Ibrahim Iskandar pela indicação bibliográfica, leitura e comentários ao texto.

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, SP, Brasil.

<sup>3</sup> Cf. Iskandar (2011b, p. 41-42).

<sup>4</sup> Cf. Ibn Khaldun (1958, p. 128), Iskandar (2011a, p. 13), Guerrero (2004, p. 40-41), De Libera (2011, p. 62-90) e Brotton (2009, p. 185).

<sup>5</sup> Cf. Lyons (2011, p. 88-90). Cf. também Pereira (2007, p. 30-37).

<sup>6</sup> Sobre a importância da filosofia grega para a formação da filosofia no islã, Guerrero (2017, p. 6-7) afirma: "sin embargo, reconociendo el valor de las distintas ciencias islámicas y la importancia que pudieron tener en la formación de la filosofía, tales ciencias no constituyeron una filosofía en sí mismas. La filosofía como tal solo se creó y se manifestó cuando el islam pudo conocer y asimilar el pensamiento que los griegos habían creado". Sobre a admiração dos filósofos islâmicos para com Aristóteles, cf. Guerrero (2017, p. 12-13).

<sup>7</sup> As obras traduzidas do grego para o árabe são listadas em Gutas (2010, p. 802-814), com destaque à quantidade de obras neoplatônicas. Cf. também D'Ancona (2005, p. 201-233). Cf. em Guerrero (2017, p. 14-20) a lista feita por Ibn al-Nadim das obras de Aristóteles traduzidas, e p. 10-12 das obras platônicas.

<sup>8</sup> Para todo esse parágrafo, cf. Lewis (2010, p. 72-73). Para a história de traduções com valor mais limitado entre os árabes, especialmente nas áreas de geografia e política, e dos motivos para que certas áreas, como poesia, drama e história, sequer tenham tido tentativas de tradução, cf. p. 74-75.

A recepção da filosofia grega antiga se deu principalmente para validar à luz da razão o texto do Alcorão, ou seja, os árabes começaram a filosofar para aclarar uma questão religiosa. Por isso, sobretudo, os textos lógicos e metafísicos de Aristóteles foram considerados indispensáveis para tal aclaração dos conceitos teológicos islâmicos (GUERRERO, 2004, p. 39). Al-Kindi (796-873) teve papel fundamental na iniciação da difusão desse conhecimento. Al-Farabi (872-950) ampliou esse saber, e o persa Ibn Sina (980-1037) – Avicena para os latinos – é considerado o “grande mestre”, já que com ele ocorre o esplendor do pensamento filosófico islâmico.<sup>9</sup> Certamente, Ibn Sina foi influenciado em muitos aspectos por Aristóteles,<sup>10</sup> tal como por Platão e o neoplatonismo.<sup>11</sup> Porém, isso não significa que Ibn Sina os tenha seguido simplesmente, mas que ele reformulou, corrigiu, complementou, discordou e construiu a partir desses autores gregos a sua própria filosofia.<sup>12</sup> É o que acontece com a classificação das ciências.<sup>13</sup>

A classificação das ciências no mundo árabe tem por preocupação “[...] encontrar el lugar de cada ciencia en el conjunto del saber” (GUERRERO, 2004, p. 146).<sup>14</sup> Nesse sentido, a classificação das ciências de Avicena tem por objetivo a própria estruturação da filosofia.<sup>15</sup> Diante disso,

pretende-se reconstruir a estrutura do quadro das ciências filosóficas do “grande mestre” para assim evidenciar sua recepção da classificação aristotélica das ciências. Para isso, primeiro apresenta-se a divisão das ciências em Aristóteles. Depois, a classificação das ciências em Avicena, e, por fim, as similitudes e/ou diferenças em relação ao primeiro mestre.

## 1 A classificação das ciências em Aristóteles

Aristóteles<sup>16</sup> dividiu as ciências em teóricas, práticas e produtivas (*Metafísica*, II, 1, 993b 20-21).<sup>17</sup> Com esta divisão, estabeleceu-se uma distinção entre as ciências que tratam dos objetos mais elevados, imóveis e imutáveis, daquelas que tratam de objetos corruptíveis, contingentes e mutáveis. Nesse modelo, as ciências teóricas “são preferíveis às outras ciências” porque têm como objeto de investigação o gênero mais elevado da realidade (*Metafísica*, VI, 1, 1026a-1026b). Elas ainda possuiriam um grau de certeza maior do que as ciências práticas porque tratam de um objeto necessário, já que, segundo Aristóteles, “quanto às coisas que podem ser de outra maneira, não sabemos, quando estão fora do nosso campo de observação, se existem ou não existem” (*Ética a*

<sup>9</sup> Cf. Iskandar (2011b, p. 42) e Attie Filho (2002, p. 147-149).

<sup>10</sup> Cf., por exemplo, Iskandar (2011b) e Bertolacci (2005, p. 552-597).

<sup>11</sup> Cf. Adamson (2000) sobre como a tradução das ‘Enéades’, de Plotino, erroneamente atribuída a Aristóteles foi importante para vários assuntos filosóficos islâmicos. Agradeço destaque do avaliador anônimo da revista.

<sup>12</sup> “Rispetto alla sua fonte ultima e principale, cioè le opere di Aristotele, la filosofia di Avicenna presenta tre caratteristiche fondamentali, che sono la ricezione, la trasformazione e il complemento. Il risultato è un sistema originario che si ispira costitutivamente ad Aristotele, ma, sulla scia della tradizione aristotelica successiva, va al di là di Aristotele. Da questo punto de vista, la filosofia di Avicenna segna, per un verso, il punto di arrivo de tutta la tradizione aristotelica che lo ha preceduto e inaugura, per un altro verso, una fase nuova dell’aristotelismo” (BERTOLACCI, 2005, p. 544). Cf. também Iskandar (2011a, p. 80).

<sup>13</sup> “Ora, la classificazione del sapere filosofico ha senza dubbio in Aristotele il suo punto di partenza, ma ha conosciuto una storia secolare nel corso della quale il detato aristotelico è stato precisato, modificato e sviluppato” (BERTOLACCI, 2005, p. 548).

<sup>14</sup> Nesse sentido, é representativa a obra ‘Catálogo das ciências’ (Iḥṣā’ al-‘Ulūm), de al-Farabi. Sobre a classificação das ciências em al-Farabi, cf. Iskandar (2019, p. 220-224) e Bonadeo (2005, p. 387-390).

<sup>15</sup> A obra “A Cura” (*al-Shifa*) abrange todos os campos da filosofia tardia alexandrina (*Metafísica*, *Psicologia*, *Física*, *Matemática*, *Astronomia* e *Lógica*), sendo composta por quatro sumas: *Metafísica*, *Física*, *Matemática* e *Lógica*. “Il *Libro della guarigione* rappresenta un caso evidente della tendenza a uniformare un’opera di filosofia agli schemi classificatori del sapere filosofico stesso: esso è letteralmente costellato di classificazioni delle discipline filosofiche, che ne segnano l’inizio, il procedere e la conclusione” (BERTOLACCI, 2005, p. 537-544). Cf. Gutas (2000, p. 44-49).

<sup>16</sup> As citações de Aristóteles seguirão a paginação padrão das obras, de modo que indica-se o nome da obra, o livro, o capítulo, a paginação oficial e a linha.

<sup>17</sup> Cf. *Metafísica* XI, 9, 1075a 1-2. Em algumas passagens de sua obra, especialmente nos *Tópicos* e na *Metafísica*, Aristóteles faz menção a uma divisão tripartite das ciências em teóricas, práticas e produtivas. Contudo, os comentaristas concordam que as produtivas estão integradas no hábito prático, já que ambas se voltam ao agir, cf. Kickhöfel (2014, p. 130-133) e Blair (2007, p. 288). Cf. *Tópicos* VI, 6, 145a 15-16. Cf. também *Tópicos* VIII, I, 157a 9-11: “A distinção de coisas do mesmo gênero consiste, por exemplo, em mostrar que uma ciência é superior a outra por os seus métodos de investigação serem mais rigorosos, ou por as matérias de que trata serem de interesse superior; ou ainda que, de entre as várias ciências, umas são ‘teóricas’, outras ‘práticas’, outras ainda ‘poéticas’”. Cf. *Metafísica* VI, 1, 1025b 18 “[...] é evidente que a física não é ciência prática nem produtiva [...]”. Cf. *Metafísica* VI, 1, 1025b 25: “[...] todo conhecimento racional é ou prático, ou produtivo, ou teórico [...]”. *Metafísica* XI, 7, 1064a 15-18: “Portanto, fica evidente, a partir dessas considerações, que a física não é nem ciência prática nem ciência poética, mas é, necessariamente, ciência teórica, dado que ela deve necessariamente situar-se num desses três gêneros de ciência”. Cf. também *Ética a Nicômaco*, VI, 3 e *Metafísica* I, 2.

*Nicômaco*, VI, 3, 1139b).

A ciência teórica preocupa-se em conhecer as causas eternas e necessárias, comportando três divisões. A metafísica (chamada por Aristóteles também de filosofia primeira) "diz respeito a coisas separadas e imóveis" (*Metafísica*, VI, I, 1026a 15). As matemáticas "dizem respeito a coisas imóveis, porém igualmente não separadas, mas existentes na matéria" (*Metafísica*, VI, I, 1026a 14). A física, por sua vez "diz respeito a coisas não separadas, mas não imóveis" (*Metafísica*, VI, I, 1026a 12).<sup>18</sup> A partir das ideias de Aristóteles a respeito, pode-se então estabelecer qual seria para ele o critério de hierarquia entre estas ciências:

É claro, portanto, que existem três grandes gêneros de ciências teóricas: física, matemática e teologia. Ora, entre todos os gêneros de ciências o gênero das ciências teóricas é o mais excelente, e entre as ciências teóricas a última ilustrada é o mais excelente, porque tem por objeto aquele ser que vale mais do que todos, e toda ciência é qualificada como superior ou inferior com base em seu objeto (*Metafísica*, XI, 1064b 1-5).<sup>19</sup>

A hierarquia das ciências depende, portanto, do objeto a que ela se refere. Quanto mais ele for separado da matéria e imóvel, mais nobre será a ciência que dele se ocupa.<sup>20</sup>

As ciências práticas tratam da ação humana, que por sua vez é contingente e se ocupa do particular (*Ética a Nicômaco*, VI, 7, 1141b), possuindo, assim, um grau científico menor do que as ciências teóricas, já que "as mais exatas entre as ciências são sobretudo as que tratam dos primeiros princípios" (*Metafísica*, I, 2, 982a 14-16; 25-28). As ciências práticas comportam três divisões, que se baseiam no nível de interação humana: ética, política e economia.<sup>21</sup> Aristóteles não pode ser

considerado o pai dessa divisão, uma vez que Platão formula no *Protágoras* (318e-319a) uma distinção entre os assuntos próprios, os assuntos econômicos ou da casa e os assuntos políticos ou do estado.<sup>22</sup>

As passagens nas quais Aristóteles estabelece a divisão das ciências práticas são poucas<sup>23</sup> e não muito explícitas. A apresentação mais clara está na *Ética a Nicômaco* VI, 8, 1142a9-10: "e no entanto, o bem pessoal de cada um talvez não possa existir sem administração doméstica e sem alguma forma de governo". Se as passagens nas quais Aristóteles estabelece a divisão das ciências práticas são escassas, "[...] ainda assim o Estagirita ocupa um lugar fundamental na história desse conceito, pois foi o primeiro autor a propor uma sistematização integradora de seus três componentes, a saber, a ética, a economia e a política" (FIDORA, 2006, p. 419). Isso pode ser visto já na primeira página da *Ética a Nicômaco* I, 2, 1094a25-1094b11:

Ninguém duvidará que o seu estudo [a Ética] pertença à arte mais prestigiosa e que mais verdadeiramente se pode chamar a arte mestra. Ora, a política mostra ser dessa natureza, pois é ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço, como a estratégia, a economia e a retórica, estão sujeitas a ela. Ora, como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano. Com efeito, ainda que tal fim seja o mesmo tanto para o indivíduo como para o Estado, o deste último parece ser algo maior e mais completo, quer a atingir, quer a preservar. Embora valha bem a pena atingir esse fim para um indivíduo só, é mais belo e mais divino alcançá-lo para uma nação ou para

<sup>18</sup> Sigo nestas passagens a tradução de Angioni (2007).

<sup>19</sup> Também em *Metafísica* VI, I, 1026a 18-22: "Consequentemente, seriam três as filosofias teóricas: a matemática, a ciência da natureza e a teologia (pois é evidente que, se o divino encontra-se em alguma parte, encontra-se nesse tipo de natureza), e é preciso que a mais valiosa seja a respeito do gênero mais valioso. Assim, as ciências teóricas são mais dignas de escolha do que as outras e, entre as teóricas, é esta que é a mais digna de escolha" (Tradução de Angioni (2007)).

<sup>20</sup> Cf. Kickhöfel (2014, p. 132): "[...] as ciências são classificadas em função de sua separabilidade da matéria e sua consequente imobilidade". Por isso que se pode dizer com Hadot (1979, p. 202-204) que a classificação das ciências em Aristóteles obedece a uma ordem cosmológica.

<sup>21</sup> Cf. "Practical philosophy also had three subdivisions, based on the three levels of human interaction: social (politics), domestic (economics), and personal morality (ethics)" (DYER, 2007, p. 9).

<sup>22</sup> "What I teach is sound deliberation, both in domestic matters—how best to manage one's household, and in public affairs – how to realize one's maximum potential for success in political debate and action" (Platão, *Protágoras*, 318e-319a). Cf. Fidora (2006, p. 418).

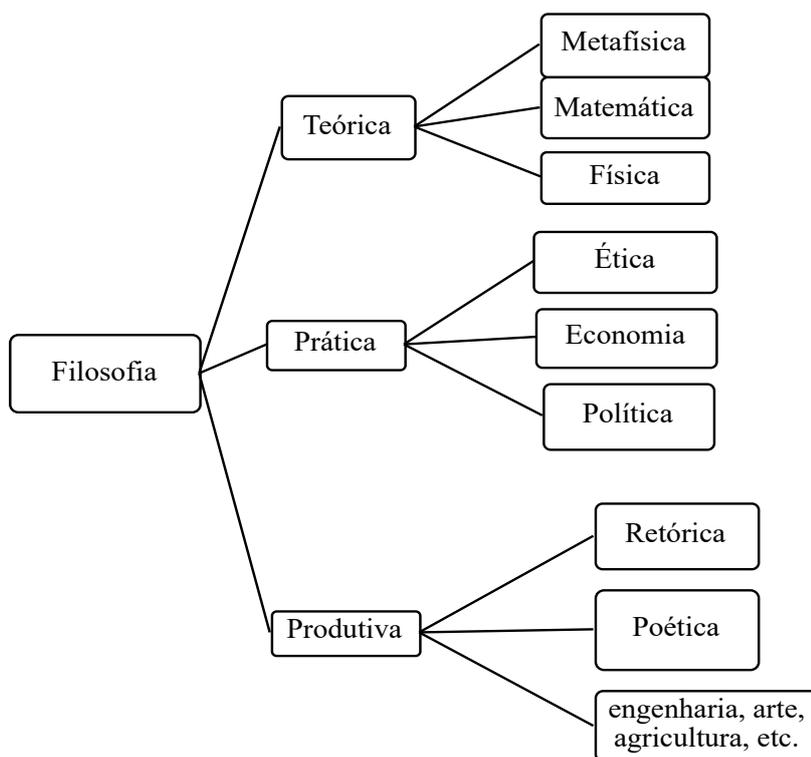
<sup>23</sup> *Ética Eudemia* I, 8, 1218b 13-14 apud Fidora (2006, p. 418): "[...] o objeto que se tem como fim é o bem principal, que é causa dos bens subordinados e o primeiro de todos eles. Assim, o bem absoluto seria isso: o fim dos bens realizáveis para o homem. E este é o bem que constitui o objeto da mais importante de todas as ciências práticas, que é a política, a economia e a sabedoria".

as cidades-Estados. Tais são, por conseguinte, os fins visados pela nossa investigação, pois que isso pertence à ciência política numa das acepções do termo.

A política seria então o elemento unificador da ética e da economia. Contudo, esse elemento unificador da política não implica necessariamente em uma hierarquia entre as ciências práticas, como no caso da sua proposição sobre as ciências teóricas. Esse elemento unificador da política se deve à "meta que une as três: o bem supremo" (FIDORA, 2006, p. 420), de modo que elas são disciplinas autônomas em suas partes, mas que são também interdependentes.

A partir desta divisão, as ciências teóricas têm como fim a verdade, ao passo que as ciências práticas, a ação. As ciências produtivas também teriam como fim a ação humana, mas a partir de uma ação externa, como um instrumento ou um objeto.<sup>24</sup> Por isso, as ciências práticas são, para Aristóteles, superiores às ciências produtivas. Nesse sentido, as ciências teóricas têm por objeto aquilo que independe da ação do homem e as ciências práticas tratam daquilo que depende da ação do homem.<sup>25</sup> Dado estes critérios de classificação, tem-se a seguinte estrutura das ciências em Aristóteles<sup>26</sup>:

**Figura 1** – Quadro divisão das ciências de Aristóteles



**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em BARNES (2013, p. 49).

<sup>24</sup> Ética a Nicômaco, I, 1, 1094b-1095a.

<sup>25</sup> *Metafísica* VI, I, 1025b 20. "On y trouve au point de départ une opposition fondamentale entre sciences théorétiques et sciences pratiques: les premières se rapportent à des objets qui ne dépendent pas de nous, les secondes à des objets qui dépendent de nous, parce que le principe de leur mouvement se trouve en nous" (HADOT, 1979, p. 202).

<sup>26</sup> Aristóteles não comenta o lugar da lógica em seus escritos. Discutiu-se da antiguidade até pelos menos o renascimento se a lógica faz parte da filosofia ou é um mero instrumento para a filosofia. Ao que tudo indica, Aristóteles a toma como um instrumento. Cf. Shields (2020): "Significantly, Aristotle's tri-fold division of the sciences makes no mention of logic. Although he did not use the word 'logic' in our sense of the term, Aristotle in fact developed the first formalized system of logic and valid inference. In Aristotle's framework – although he is nowhere explicit about this – logic belongs to no one science, but rather formulates the principles of correct argumentation suitable to all areas of inquiry in common. It systematizes the principles licensing acceptable inference, and helps to highlight at an abstract level seductive patterns of incorrect inference to be avoided by anyone with a primary interest in truth. So, alongside his more technical work in logic and logical theory, Aristotle investigates informal styles of argumentation and seeks to expose common patterns of fallacious reasoning".

## 2 A classificação das ciências em Ibn Sina

A importância dada por Ibn Sina à classificação das ciências pode ser expressa pela quantidade de vezes que este autor trata ou retoma esta temática em suas obras. Na obra *al-Shifa* – “A cura” –, Avicena trata dessa questão em ao menos três passagens<sup>27</sup>: na seção inaugural da obra dedicada à lógica – *Madhal*, I, 2, p. 12-16;<sup>28</sup> no interior de reelaboração aviceniana dos *Segundos Analíticos* – *Burhan*, II, 7, p. 162-168; e no capítulo inicial da seção sobre metafísica – *Ilahiyyat*, I, I, p. 3-4.<sup>29</sup> Também há desenvolvimentos desse tema em obras suas como *Asam al-ulum al-aqliyya* – “Epístola sobre a divisão das ciências intelectuais” – p. 71-72<sup>30</sup>; e em *rasail Ibn Sina* – “Epístolas de Ibn Sina” – p. 54-60.<sup>31</sup>

A divisão das ciências filosóficas pressupõe para Avicena a própria definição de filosofia. A filosofia, segundo ele, “é o aperfeiçoamento da alma humana através da apreensão das coisas e a confirmação das verdades especulativas e práticas, de acordo com a capacidade humana” (AVICENA, 2011, p. 87). Ainda:

a filosofia é uma arte teórica pela qual o homem adquire a percepção do que é a totalidade do ser em si mesmo e do que sua ação deve necessariamente se revestir para que sua alma se enobreça, se aperfeiçoe e se faça o mundo inteligível correspondente ao mundo existente e se prepare, assim, para a felicidade suprema e última, segundo a capacidade humana (AVICENA, 2011, p. 89).

E, por fim, “o objetivo da filosofia é informar a respeito das verdades de todas as coisas na medida em que é possível ao homem” (AVICENA, 2011, p. 89). A filosofia é, portanto, um saber que visa aperfeiçoar a alma humana a partir do conhecimento de verdades que podem ser descobertas pela capacidade humana. Ao proporcionar conhecimentos para que a alma se enobreça neste mundo, ela acaba preparando o homem para a felicidade suprema e última.<sup>32</sup>

Em todas as passagens nas quais Avicena trata da divisão das ciências, a separação entre filosofia teórica e prática é clara. A filosofia teórica, chamada por ele também de especulativa, é relativa às coisas que devemos conhecer, mas não precisamos praticar. Quanto à filosofia prática, ela é então relativa às coisas que devemos conhecer e praticar (AVICENA, 2011, p. 87).<sup>33</sup> As

<sup>27</sup> Cf. Bertolacci (2001, p. 149-150).

<sup>28</sup> Tradução para o português em Avicena (2011, p. 89-90).

<sup>29</sup> Tradução para o português em Avicena (2019) e Avicena (2011, p. 90). Tradução para o francês em Avicena (1978, p. 85-86).

<sup>30</sup> Tradução para o português em Avicena (2011, p. 89-90).

<sup>31</sup> Tradução para o português em Avicena (2011, p. 87-88).

<sup>32</sup> Como observa Lewis (2010, p. 74), o critério de escolha de tradução das obras pelos árabes, especialmente as gregas, era a sua utilidade, mas a justificativa tanto da tradução quanto do fazer filosófico era a busca de conquistas materiais e espirituais: “o critério da utilidade não era menos aplicável à filosofia que à ciência. Mas a utilidade não deve ser aqui entendida num sentido rigorosamente utilitário. Ela inclui obras cuja finalidade era permitir às pessoas alcançar o que os filósofos muçulmanos denominaram *as ‘ada*, a felicidade, que correspondia ao conceito grego de *eudaimonia*. Embora expressa em termos abstratos e envolvendo noções abstratas, essa justificativa da filosofia se baseia na busca de certas conquistas específicas, tanto espirituais quanto materiais. Se a ciência se dedica à saúde e ao bem-estar do homem neste mundo, a filosofia ajuda a prepará-lo para o próximo”. Por isso, no contexto árabe razão e fé não são inimigas, mas são conciliáveis. Ambas procuram a mesma coisa, mas por razões diferentes.

<sup>33</sup> Cf. “A filosofia divide-se em uma parte puramente especulativa e uma parte prática. A parte especulativa é a que tem como fim a aquisição do conhecimento certo do estado dos seres cuja existência não depende da ação do homem; o objetivo que busca é somente alcançar uma opinião, como sucede na ciência da unidade divina e na astronomia. A parte prática é aquela cujo fim não é a aquisição do conhecimento certo dos seres, mas, talvez, é o de procurar adquirir uma opinião verdadeira a respeito de algo, a qual o homem adquiriu com o fim de obter um bem através dela; o que se procura não é apenas obter uma opinião, mas obter uma opinião com vistas a uma ação. O fim da (filosofia) prática é o bem” (AVICENA, 2011, p. 89). Cf. também: “As coisas ou existem sem depender da nossa vontade e da nossa atividade, ou existem por nossa vontade e atividade. Ao conhecimento das coisas que pertencem à primeira parte, chama-se Filosofia teórica; ao conhecimento das coisas que pertencem à segunda parte, chama-se Filosofia Prática. O fim da Filosofia teórica é aperfeiçoar a alma, apenas pelo conhecer; o fim da Filosofia prática é aperfeiçoar a alma não apenas pelo conhecer, mas por conhecer o que se deve fazer e fazê-lo (efetivamente). Portanto, o objetivo da (Filosofia) teórica é a aquisição de uma opinião não prática, enquanto que o objetivo da Filosofia prática é conhecer uma opinião prática; então, A Filosofia teórica é mais digna de pertencer à opinião” (AVICENA, 2011, p. 90). “Las cosas que existen en sí mismas con independencia de nuestra voluntad y acción, según la primera división, son de dos clases: unas son las cosas que están mezcladas con el movimiento, como el intelecto y el Creador. Las cosas que están mezcladas con el movimiento son, a su vez, de dos clases: aquellas cuya existencia no se da sino en tanto que se concibe mezclada con el movimiento, como la humanidad, la cuadratura y otras semejantes, y aquellas cuya existencia se da sin esta condición. Y los existentes, cuya existencia no se da sino en tanto que se concibe mezclada con el movimiento, se dividen en dos: en cosas que para subsistir y ser concebidas no pueden ser independientes de una cierta materia, como la forma de la humanidad o de la equinidad, y en cosas que pueden serlo para ser concebidas, pero no para subsistir, como la cuadratura, que para ser concebida no es necesario atribuirle alguna especie de materia ni considerarla en algún estado de movimiento... Les clases de las ciencias teóricas serán o bien las que se aplican a considerar los existentes en tanto que se conciben y subsisten con el movimiento y dependen de las materias propias; o bien las que se aplican a

ciências teóricas procuram um conhecimento certo daquelas coisas que não dependem diretamente da ação humana, ou seja, elas estão preocupadas com o conhecimento em si, e não com a utilidade prática deste saber. A ciência prática, por sua vez, não é um conhecimento certo, mas "uma opinião verdadeira" que pode dirigir uma ação. Nesse sentido, não basta apenas conhecer, mas é também preciso agir, por isso tal ciência depende da ação do homem.<sup>34</sup>

Nesse sentido, para Avicena a ciência teórica é mais certa do que a ciência prática, já que os objetos dos quais ela trata garantem um conhecimento que não está sujeito ao contingente, a aquilo que pode ou não ser. A ciência prática, por sua vez, está sujeita à ação do homem, que é por definição contingente, ou seja, pode variar de indivíduo para indivíduo. Por isso, a ciência teórica tem "como fim o conhecimento certo dos seres", ao passo que a ciência prática procura "adquirir uma opinião verdadeira a respeito de algo". Portanto, a ciência teórica é mais nobre do que a ciência prática, já que "a Filosofia teórica é mais digna de pertencer à opinião" (AVICENA, 2011, p. 90) por possuir um grau de certeza maior a respeito de seu objeto.

Estabelecida a divisão entre as ciências teóricas e práticas, resta saber os ramos destas para Avicena. Tanto a filosofia especulativa ou teórica e a filosofia prática dividem-se para ele em três partes. A filosofia especulativa é dividida em Física, Matemática e Divina. A Física tem como tema "os corpos enquanto estão em movimento e em repouso, investigando os acidentes que se lhes apresentam por si mesmos sob este aspecto" (AVICENA, 2011, p. 90). A Matemática trata "da quantidade que está desprovida de matéria por si mesma, ou é o que está dotado de quantidade"

(2011, p. 90). A Divina "estuda as coisas que estão separadas da matéria segundo a subsistência e a definição, [...], as causas primeiras dos seres físicos e matemáticos e o que depende deles; (também) estuda a causa das causas e o princípio dos princípios, que é Deus Altíssimo" (AVICENA, 2011, p. 90).<sup>35</sup>

A variedade de ciências se deve a seus diferentes objetos e à relação deles conosco e com o movimento ou a matéria. A ciência divina, por exemplo, "estuda os seres separados da matéria e do movimento". A matemática estuda "a quantidade que está desprovida de matéria por si mesma", ou seja, os objetos matemáticos "[...] no pueden existir sin movimiento ni materia, pero se conciben sin movimiento y sin materia, como la cuadratura [...]" (GUERRERO, 2004, p. 149). Já os objetos da Física não podem existir sem movimento e matéria. Estas ciências, por sua vez, possuem outras ciências secundárias, que derivam destas. Desse modo, na Física tem-se oito sub-ramos que compreendem a física propriamente dita, as oposições entre o céu e o mundo, e a geração e a corrupção; os fenômenos meteorológicos; os objetos minerais, vegetais e animais; e a alma. A matemática possui quatro sub-ramos, a saber: aritmética, geometria, astronomia e música.

A filosofia prática para Avicena é assim dividida em ética, política e economia e, diferentemente da teórica, ela não comporta subdivisões. A ética "dá a conhecer ao homem como devem ser seus costumes e suas ações para que seja feliz em sua vida primeira e em (sua vida) última" (AVICENA, 2011, p. 90). Pela economia, "o homem conhece o regime de conduta em sua casa, para que a comunidade constituída pela esposa, filhos e escravos seja uma vida bem ordenada e seja

---

considerar los existentes em tanto que se conciben separados del movimiento y de la materia, pero no existen separados de ellos; o bien las que se aplican a considerar los existentes en tanto que existen y son concebidos como separados de ellos. La primera parte de esta división de las ciencias es la Física; la segunda es la Matemática pura y la ciencia del número es la más conocida, pues el conocimiento de la naturaleza del número, en tanto que es número, no pertenece a esta ciencia; la tercera es la Ciencia divina. Como los seres son en la naturaleza según esta triple división, las ciencias filosóficas teóricas son igualmente tres" (AVICENA, 1952, p. 12-14 apud GUERRERO, 2011, p. 148).

<sup>34</sup> Cf. Jolivet (1996, p. 1019).

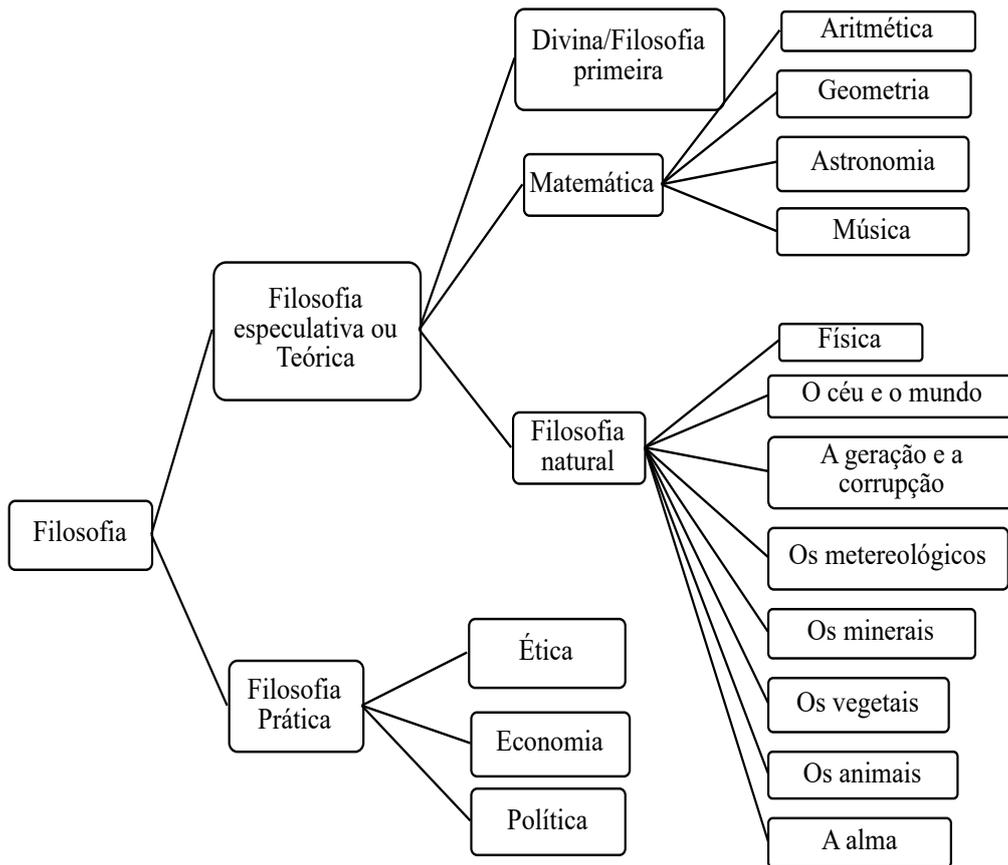
<sup>35</sup> Cf. também: "Quanto à Filosofia especulativa, divide-se em três partes, ou seja: a) filosofia relativa ao movimento e à mudança, chamada Filosofia natural; b) filosofia relativa ao que o espírito abstrai da mudança, mesmo que sua existência seja mesclada para a mudança, chamada Filosofia da matemática; c) filosofia relativa àquilo cuja existência prescinde da mescla para mudança; a princípio, não se mescla com a mudança e, se se mesclar, será por acidente e não porque sua essência necessita (da mescla) para concretização da existência. Esta filosofia é a Filosofia primeira. A Filosofia divina é parte desta e é o conhecimento da Teologia" (AVICENA, 2011, p. 88).

capaz de alcançar a felicidade" (2011, p. 90). Na política, "se têm as diversas classes de regimes políticos, governos, as sociedades virtuosas e más; e mostra como se aperfeiçoa cada uma delas, por que desaparecem e de que maneira

se transformam; mostra, também, a existência da profecia e a necessidade da lei divina revelada" (2011, p. 90).<sup>36</sup>

Teríamos, portanto, o seguinte quadro de classificação das ciências em Avicena:<sup>37</sup>

**Figura 2** – Quadro divisão das ciências de Ibn Sina



**Fonte:** Elaborado pelo autor com base em GUTAS (2000, p. 47).

## Considerações finais

A recepção da classificação das ciências de Aristóteles por Avicena torna-se algo manifesto

e evidente, tendo várias similitudes. Tanto para Aristóteles como para Avicena:

<sup>36</sup> Cf. também: "A Filosofia política: seu benefício é ensinar o modo de associação que ocorre entre pessoas para que possam auxiliar-se nas vantagens no que diz respeito aos corpos e os proveitos que auxiliam na permanência da espécie humana. A Filosofia econômica: seu benefício é ensinar o modo de associação que deve haver entre as pessoas de uma casa com o objetivo de ordenar os interesses da casa. A associação na casa ocorre entre marido e mulher, entre pai e filho e entre patrão e escravo. Quanto à Ética, seu benefício é ensinar as virtudes e como adquiri-las para que conhecer o vil e saber como este ocorre a fim de que a alma possa purificar-se do mesmo" (AVICENA, 2011, p. 87). Avicena não dedica grande espaço à ciência prática. Ele trata dessa questão na obra "A Cura" na forma de um apêndice. O tratamento não exaustivo da ciência prática deve-se a uma questão tipicamente islâmica. O próprio Alcorão instrui a vida dos muçulmanos, contendo vários aspectos de ética, política e economia. Assim sendo, não seria preciso buscar em outros livros as diretrizes para o agir.

<sup>37</sup> A lógica é instrumental, ou seja, uma ferramenta para a filosofia. "La última sección de la *Epístola de las ciencias intelectuales* es una descripción de aquella ciencia que es instrumento para el hombre: la lógica, que explica y enseña el método en la investigación y en la búsqueda de la verdad. La lógica proporciona al hombre no sólo las demostraciones apodícticas o científicas, sino también argumentos dialécticos, esto es, a favor y en contra de una opinión dada; pruebas persuasivas o retóricas para regir, por medio de la palabra, a la multitud; y representaciones de imágenes, que pertenecen a la poética, que le ayudan a conseguir su objetivo. [...] siempre será la ciencia instrumental por excelencia, porque es la que facilita al hombre una regla canónica que le preserva del error en el ejercicio de su pensamiento. Y es una ciencia necesaria para quien desee obtener nuevos conocimientos, porque es la que le sirve de guía a su mente y le previene de aceptar la falsedad y la mentira" (GUERRERO, 2004, p. 151-152, grifo do autor).

a) as ciências são bipartidas em teóricas e práticas. As teóricas tratam dos objetos que independem do ser humano, ao passo que as práticas tratam dos objetos que dependem da ação do homem;

b) as ciências são hierarquicamente ordenadas. A teologia é a ciência superior, a matemática é a intermediária, e a física é então a ciência inferior.

c) a hierarquia e a distinção das ciências se dão a partir do objeto a que se referem. Quanto mais afastado da realidade e imóvel for esse objeto, mais nobre é a ciência;

d) as ciências teóricas são mais certas que as ciências práticas porque se ocupam de objetos eternos e imutáveis. Portanto, estas são mais nobres que as ciências práticas;

e) a lógica é instrumental;

f) o quadro base de divisão das ciências em metafísica, física, matemática e ética, economia, política é o mesmo nos dois autores aqui referenciados.

Uma diferença entre Aristóteles e Avicena diz respeito ao estabelecimento da existência de um Primeiro Princípio pela ciência metafísica ou divina. Em Avicena é única e exclusivamente a metafísica que pode demonstrar isso, a física trata dos corpos e do movimento, e simplesmente anteciparia a ideia do primeiro princípio, que a metafísica demonstra.<sup>38</sup> Em Aristóteles, pelo contrário, o primeiro motor imóvel, é estudado na Física (livro VIII), e pode ser demonstrado por esta ciência.<sup>39</sup>

A importância da recepção e da elaboração aviceniana na classificação das ciências pode ser assim sentida pela continuidade desta temática na filosofia escolástica e no período do Renascimento. Dominicus Gundissalinus (1115-1190), por exemplo, na obra *De Divisione Philosophiae*

escreveu a respeito da divisão das ciências, restringindo-se, entretanto, a simplesmente reproduzir passagem correlata da seção dos "Segundos Analíticos – Burhan" (II, 7, p. 162-168), da obra *A cura* de Avicena.<sup>40</sup> Também em Alberto Magno (1200-1280), no primeiro capítulo do comentário à Física,<sup>41</sup> como na obra *Philosophiae partitio* de Gregor Reisch (1467-1525) é possível encontrar indícios da classificação aristotélico-aviceniana.<sup>42</sup>

## Referências

ADAMSON, Peter, S. *The arabic plotinus: a study of the 'Theology of Aristotle' and related texts*. 2000. Dissertação (Mestrado em filosofia) – University of Notre Dame, 2000.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Os pensadores).

ARISTÓTELES. *Metafísica IV e VI*. Tradução de Lucas Angioni. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2007.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Giovanni Reale, (grego-italiano). Marcelo Perini (Italiano-português). 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ARISTÓTELES. *Tópicos*. Tradução de Levi Condinho. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

ATTIE FILHO, M. *Falsafa: a filosofia entre os árabes: uma herança esquecida*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

ATTIE FILHO, M. Indicações a respeito das ciências em Ibn Sina (Avicena). *Revista de Estudos Orientais*, São Paulo, v. 6, p. 31-37, 2008. Disponível em: [http://falsafa.dominiotemporario.com/doc/artigo\\_revista\\_dlo.pdf](http://falsafa.dominiotemporario.com/doc/artigo_revista_dlo.pdf). Acesso em: 10 maio 2019.

AVICENA. Metafísica do livro da Cura (*Kitab al-Shifa*). Tradução de Tadeu Mazzola Verza. *Revista Reflexões*, Fortaleza, n. 14, p. 233-250, 2019. Disponível em: <http://revistareflexoes.com.br/wp-content/uploads/2019/02/14.14.14aa-tradu%C3%A7%C3%A3o-Mazzola.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

AVICENA. Textos de Avicena. In: ISKANDAR, J. I. *Compreender Al-Farabi e Avicena*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 87-90.

AVICENNE. *La métaphysique du Shifa*. Livres I à V. Tradução de Georges C. Anawati. Paris: Vrin, 1978.

<sup>38</sup> "According to Avicenna, metaphysics—and no other science—can (and must) establish the existence of a First absolute Principle. Physics, which deals with bodies and their movement, can explain no more than motion (its result is, in fact, a Prime Mover) and, unable to answer the fundamental ontological question about the origin of the world's being, it simply anticipates the idea of the Principle that metaphysics demonstrates (*Ilāhiyyāt*, I, 1, 6, 17–7, 6; I,2,14–end). From this perspective, Avicenna is not Aristotelian: metaphysics must explain the transition from non-being to being, an atemporal transition which does not exclude eternity from what is caused to be. His idea is entirely consistent with Greco-Arabic Neo-Platonism: both the *pseudo-Theology of Aristotle* (a re-elaboration of *Enneads* IV-VI) and the *Book of the pure Good* (a reworking of Proclus' *Elements of Theology*) insist on an originated being." (LIZZINI, [2020]).

<sup>39</sup> Agradeço ao avaliador da revista pela indicação dessa diferença.

<sup>40</sup> Cf. sobre este tema Storck (2007).

<sup>41</sup> Cf. sobre este tema Bertolacci (2001).

<sup>42</sup> Cf. sobre este tema Kickhöfel (2014).

- AVICENNE. *La métaphysique du Shifa*. Livres VI à X. Tradução de Georges C. Anawati. Paris: Vrin, 1985.
- BARNES, J. Aristóteles. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- BERTOLACCI, A. Il pensiero filosofico di Avicenna. In: D'ANCONA, C. (org.). *Storia della filosofia nell'Islam medievale*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2005. v. 2. p. 522-668.
- BERTOLACCI, A. La divisione della filosofia nel primo capitolo del Commento di Alberto Magno alla *Fisica*: le fonti avicenniane. In: D'ONOFRIO, G. (org.). *La divisione della filosofia e le sue ragioni*: lettura di testi medievali (VI-XIII secolo). Roma: Avagliano editore, 2001. p. 137-155.
- BLAIR, A. M. Organizations of knowledge. In: HANKINS, J. *The Cambridge companion to renaissance philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 287-303.
- BONADEO, C. M. Il sistema delle scienze. In: D'ANCONA, C. (org.). *Storia della filosofia nell'Islam medievale*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2005. v. 1. p. 387-390.
- BROTTON, J. *O bazar do Renascimento*: da Rota da Seda a Michelangelo. Tradução de Adriana de Oliveira. São Paulo: Grua, 2009.
- D'ANCONA, C. Le traduzioni di opere greche e la formazione del corpus filosofico arabo. In: D'ANCONA, C. (org.). *Storia della filosofia nell'Islam medievale*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2005. v. 1. p. 180-233.
- DE LIBERA, A. *A filosofia medieval*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário; Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- DYER, J. The Place of Musica in Medieval Classifications of Knowledge. *The Journal of Musicology*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 3-71, 2007.
- FIDORA, A. A tripartição da filosofia prática na obra *De divisione philosophiae* de Domingos Gundisalvo. Tradução: Ricardo da Costa. In: SOUZA, J. A. de C. R. de. (org.). *Idade Média*: tempo do mundo, tempo dos homens, tempo de Deus. Porto Alegre: Est Edições, 2006. p. 417-428.
- GUERRERO, R. R. *Filosofías árabe y judía*. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.
- GUERRERO, R. R. Introducción. In: AL-FĀRĀBĪ. *Las filosofías de Platón y Aristóteles*. Tradução de Rafael Ramón Guerrero. Ulzama: Ápeiron Ediciones, 2017. p. 5-30.
- GUTAS, D. Avicena – A metafísica da alma racional. In: KOBUSCH, T. (org.). *Filósofos da Idade Média*: uma introdução. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Leopoldo: Editora Unissinos, 2000. p. 44-61.
- GUTAS, D. Greek philosophical works translated into Arabic. In: PASNAU, R. VAN DYKE, C. *The Cambridge History of Medieval Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. v. 2. p. 802-814.
- IBN KHALDUN. *Os prolegômenos*, ou Filosofia Social. Tradução de José Khoury. São Paulo: Safady, 1958. v. 3.
- ISKANDAR, J. I. *Compreender Al-Farabi e Avicena*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011a.
- ISKANDAR, J. I. Introdução. *Revista reflexões*, Fortaleza, n. 14, p. 220-224, 2019. Disponível em: <http://revistareflexoes.com.br/wp-content/uploads/2019/02/13.13.13aa-a-Trad-Jamil.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.
- ISKANDAR, J. I. O *De Anima* de Aristóteles e a concepção das faculdades da alma no *Kitáb Al-Nafs* (Livro da Alma, De Anima) de Ibn Sina (Avicena). *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 34, n. 3, p. 41-50, 2011b. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31732011000500005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732011000500005). Acesso em: 9 maio 2019.
- JOLIVET, J. Classifications of the sciences. In: RASHED, R. *Encyclopedia of the History of Arabic Science*. Londres: Routledge, 1996. v. 3. p. 1008-1025.
- KICKHÖFEL, E. H. P. A *Philosophiae partitio* de Gregor Reisch: Um Mapa para Ler o Renascimento. *Revista Limiar*, Guarulhos, v. 2, n. 3, p. 85-115, 2014. Disponível em: [http://limiar.sites.unifesp.br/pdf-nr3/05\\_Kickhoe-fel-E-P.-A-Philosophiae-partitio-de-Gregor-Reisch\\_Limiar-nr3-2014.pdf](http://limiar.sites.unifesp.br/pdf-nr3/05_Kickhoe-fel-E-P.-A-Philosophiae-partitio-de-Gregor-Reisch_Limiar-nr3-2014.pdf). Acesso em: 10 jun. 2019.
- LEWIS, B. *A descoberta da Europa pelo Islã*. Tradução de Maria Clara Cescato. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- LIZZINI, O. Ibn Sina's Metaphysics. In: ZALTA, E. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/ibn-sina-metaphysics>. Acesso em: 10 maio 2022.
- LYONS, J. *A casa da sabedoria*: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental. Tradução de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- PEREIRA, R. H. de S. *Bayt al-Hikma* e a transmissão da filosofia grega para o mundo islâmico. In: PEREIRA, R. H. de S. (org.). *Busca do conhecimento*: ensaios de filosofia medieval no Islã. São Paulo: Paulus, 2007. p. 17-62.
- PLATO. Protagoras. In: COOPER, J. M. (org.). *PLATO – Complete Works*. Tradução de Stanley Lombardo and Karen Bell. Indiana: Hackett Publishing Company, 1997. p. 746-790.
- SHIELDS, C. Aristotle. In: ZALTA, E. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/aristotle/#LogSciDia>. Acesso em: 10 maio 2022.
- STORCK, A. C. A divisão das ciências segundo Avicena: textos e notas. In: PEREIRA, R. H. de S. (org.). *Busca do conhecimento*: ensaios de filosofia medieval no Islã. São Paulo: Paulus, 2007. p. 265-288.

---

### Andrei Pedro Vanin

Mestre em filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em Guarulhos, SP, Brasil. Doutorando em filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em Guarulhos, SP, Brasil. Bolsista Capes.

---

**Endereço para correspondência**

Andrei Pedro Vanin  
Universidade Federal de São Paulo  
Estrada do Caminho Velho, 333, Edifício Arco, sala 33  
Bairro dos Pimentas, 07252-312  
Guarulhos, SP, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*